

**BALTRUSCH, BURGHARD (ED.) (2014). "O QUE TRANSFORMA O MUNDO É A NECESSIDADE E NÃO A UTOPIA" - ESTUDOS SOBRE UTOPIA E FICÇÃO EM JOSÉ SARAMAGO, BERLIM: FRANK & TIMME.**

Laura Tallone  
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto  
Portugal  
[lauratal@iscap.ipp.pt](mailto:lauratal@iscap.ipp.pt)

A abundância de textos críticos, de publicação mais ou menos recente, dedicados à temática da utopia na obra narrativa de José Saramago poderá surpreender quem tiver feito uma leitura restritiva das declarações e comentários feitos pelo Nobel português em entrevistas e conferências. De facto, são já bastante conhecidas as palavras que pronunciou no Fórum Social Mundial de 2005 (intervenção da qual foi retirada a frase que dá o título a esta colecção de ensaios); "[para] os cinco mil milhões de pessoas que vivem na miséria, [...] a palavra utopia não significa rigorosamente nada". Porém também é verdade que em quase toda a ficção de Saramago, as personagens encontram uma saída, uma espécie de fuga para à frente que, a falta de melhor termo, denominamos utópica, mas que talvez devéssemos entender à luz das alternativas sugeridas pelo próprio autor: "se nós fóssemos, em cada momento, cumprindo aquilo a que chamamos as nossas utopias, [...] não lhe chamariamos utopia. Chamar-lhe-íamos simplesmente trabalho, objectivo, caminho, determinação, meios, vontade, nada mais". É precisamente dessa tensão entre utopia e pragmatismo resistente e solidário que se ocupam os doze ensaios deste volume, introduzidos por uma necessária contextualização da posição saramaguiana, que, superando a rejeição marxista da utopia estéril, tenta recuperar e reactualizar o conceito como projecto colectivo imediato.

Em "José Saramago: da realidade à utopia. O Homem como lugar onde", **Ana Paula Arnaut** faz um enquadramento do desenvolvimento histórico do conceito de utopia desde *A República* de Platão, destacando a associação recorrente desse não-lugar com o paraíso terrenal da tradição judaico-cristã, para logo pontualizar que, no caso da ficção de José Saramago, não se trata de uma deslocação geográfica à procura de um estado de perfeição (embora a maior parte das suas personagens acabam por abandonar o espaço que habitavam), mas de uma viagem pessoal, "uma busca que se traduz num processo de (re)aprendizagem que começa e acaba no próprio ser humano" (pág. 42). A dimensão espiritual (e por que não ética?) deste processo alavanca a tese mais original e discutível da autora: a semelhança entre a utopia saramaguiana e certos ideais e ritos maçónicos.

**Burghard Baltrusch** assina o segundo artigo, "A nova Mensagem do transiberismo - sobre alguns aspectos utópicos e metanarrativos no discurso saramaguiano", em que se focam os romances *A Jangada de Pedra* e *O Ano da Morte de Ricardo Reis* para analisar a intenção (quase) pós-moderna de José Saramago de dismantelar a "paralisação imagética nacional" instalada na memória colectiva portuguesa desde Luís de Camões. Esta crítica da imagologia tradicional é reforçada, segundo o autor, pela subversão operada nos níveis discursivos e narrativos, nomeadamente a identificação entre o autor e o narrador e o questionamento das fronteiras entre o romance e a historiografia. Utilizando exemplos bem ilustrativos de textos ficcionais e metaficcionais, Baltrusch consegue demonstrar a integração do conjunto da escrita de Saramago num projecto ideológico e político.

Um aspecto descurado da produção de Saramago tem sido o seu labor como tradutor, lapso inescusável se tivermos em conta a extensa lista de obras que traduziu ao longo de aproximadamente três décadas. Felizmente, "Tradução e utopia pós-colonial: a intervenção *invisível* de Saramago" vem colmatar, pelo menos parcialmente, essa brecha. Com uma análise minuciosa da versão portuguesa de *Une vie de boy*, de Ferdinand Oyono, **Ana Paula Teixeira** põe de manifesto a posição de Saramago relativamente ao colonialismo europeu em África (o que se traduz é tão importante como o como se traduz), ao mesmo tempo que examina a invisibilidade do autor-tradutor no contexto cultural do Portugal da década de 1970, em que o debate sobre o racismo e o imperialismo era ainda incipiente.

Também de interesse para os Estudos de Tradução será a gradual castelhanização do português de José Saramago, analisada por **Fernando Venâncio** em "José Saramago e a iberização do português. Um estudo histórico". Depois de comparar algumas características da prosa de José Saramago e da do Padre António Vieira, Venâncio faz um levantamento exaustivo das escolhas lexicais e fraseológicas castelhanizadas de Saramago e assinala-as como mais um aspecto da sua aspiração a uma cultura trans-ibérica, também alimentada pelos escritores seiscentistas, incluindo Vieira. Nota-se porém em Venâncio uma certa irritação perante aquilo que considera a excessiva permeabilidade de Saramago à língua espanhola, que atribui a uma gradual perda de consciência linguística mais do que a um esforço deliberado de internacionalizar o português.

Em "*Memorial do Convento* de José Saramago: crítica e utopia no uso da técnica da enumeração", **José Cândido de Oliveira Martins**, na esteira de Umberto Eco, vai para além da tendência que reduz as frequentes enumerações encontradas neste romance de Saramago à mera imitação ou recriação de um recurso retórico barroco. Após uma classificação gramatical e discursiva das enumerações, Oliveira Martins argumenta que estas não são motivadas apenas pela vontade de recriar uma cultura barroca, mas têm uma dimensão crítico-ideológica, reforçando a revisão paródica da história. Dado que a enumeração não está presente unicamente em *Memorial do Convento*, este estudo proporciona pistas úteis para revisitar o uso deste recurso no resto da narrativa de José Saramago.

Contrariando a leitura institucionalizada das personagens femininas de José Saramago, **Burghard Baltrusch** identifica em "Mulher e utopia em José Saramago - a representação da Blimunda em *Memorial do Convento*" vestígios de discursos essencialistas e redutores da mulher ao sublime feminino, através da capacidade de redenção do homem e do amor como dádiva. Sem restar importância à "clara intenção compensatória e de reabilitação histórica, social e política da mulher na escrita saramaguiana" (pág. 178), Baltrusch sugere que a personagem de Blimunda corresponde ainda a uma visão androcêntrica, o que não deve surpreender num escritor nascido em princípios do século XX.

Sob a perspectiva crítica do imaginário proposta por Gilbert Durand, o estudo "Conto da Ilha Desconhecida - possibilidades imaginárias", oferece uma análise simbólica

deste conto de José Saramago. **Rosângela Divina Moraes da Silva** faz uma abordagem do imaginário com base no semantismo das imagens, classificadas segundo eixos simbólicos, míticos e culturais. Apesar da terminologia actualizada (e um pouco dificultosa), o artigo tem um travo estruturalista, para concluir com o repetido cliché de que "todo ser humano é uma ilha".

Segundo **Ângela Maria Pereira Nunes** em "O labirinto da memória: a Guerra Civil de Espanha em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*", o papel dos portugueses na Guerra Civil espanhola é um dos temas-chaves do romance, em que a oposição entre o epicurismo do heterónimo pessoano e a desordem do mundo é aproveitada por Saramago para criticar a passividade com que os portugueses olhavam para o conflito em Espanha e para a consolidação do Estado Novo em Portugal. A reconstrução histórica destes eventos no romance segue caminhos labirínticos, não lineares, representados por uma teia de referências e de citações distribuídas ao longo do texto. O constante jogo de espelhos não só reforça a desorientação, mas inverte e confunde a relação entre a realidade e a ficção.

Escrito num estilo muito vivo, desfruta-se da leitura de "José Saramago: 'Cadeira' ou a queda de Salazar", de **Isabel Araújo Branco**. Esta análise oferece uma simples mas interessante contextualização do conto Saramago, baseado na queda da cadeira sofrida por Salazar em 1968, como leitura simbólica da ditadura, do fascismo e do declínio do império português. A autora põe também de relevo a personificação do caruncho como representação do povo português, em luta lenta e inexorável, bem como a perda de humanidade do velho da cadeira, que sucumbe ao peso da transformação social e política em Portugal durante esses anos.

Baseado na análise das descontinuidades da modernidade proposta por Anthony Giddens, o estudo "Sobre a convergência do espaço literário, cultural e político como questionador de uma identidade social em José Saramago", de **Raquel Baltazar**, examina a construção da identidade social em três romances de José Saramago. Em *Levantado do Chão* produz-se a ruptura do estado agrário e a tomada de consciência da alienação social e política reinante nos anos da ditadura. *A Caverna*, uma metáfora da emergência do capitalismo, mostra o ser humano aprisionado numa realidade que cancela a possibilidade de vida em comunidade. Por último, em *Ensaio sobre a Cegueira*, em que ficam expostos os

extremos possíveis do estado de vigilância, dá-se um processo de autoconhecimento que culmina na recuperação e revalorização da experiência humana.

Através de uma exaustiva análise das fontes historiográficas da viagem do elefante oferecido a Maximiliano de Áustria em 1552, em "«Vale mais ser romancista, ficcionista, mentiroso» - realidade e ficção no romance *A Viagem do Elefante* de José Saramago", **Yvonne Hendrich** examina o penúltimo romance de José Saramago como metaficção historiográfica, em que a natureza selectiva e discriminatória da história é criticada e levada ao absurdo pela imitação paródica. Dos diferentes recursos utilizados por Saramago para evidenciar essa crítica, a autora destaca a autorreferencialidade e autorreflexividade, que questionam a suposta objectividade da história.

"Nationale und koloniale Identitäten im historischen Roman - José Saramagos *A Viagem do Elefante*" é o último ensaio do livro e o único que não está escrito em português. Nele, **Verena-Cathrin Bauer** debruça-se sobre o mesmo romance de Saramago, para se ocupar do tratamento saramaguiano de certos estereótipos nacionais, ao abordar a apropriação da pessoa colonizada. Bauer analisa o tópico da viagem como 'terceiro espaço', onde se negociam questões identitárias, para concluir que ela simboliza a permeabilidade e transitoriedade das estruturas culturais.

Em conjunto, os doze artigos produzem uma impressão como de *fuga* musical, em que as diferentes vozes, subordinadas a um motivo principal, vão sucessivamente somando-se em contraponto até formarem o desenho completo. Assim, estes estudos sobre utopia e ficção em José Saramago, embora sem esgotar o tema (porque é inesgotável), oferecem uma multiplicidade de perspectivas úteis e originais para o estudioso do Nobel português.

Por último, uma breve nota marginal. Talvez por a impressão ter sido feita em Alemanha, alguns dos textos contêm mais gralhas do que é habitual encontrar actualmente. Em contrapartida, e pelo mesmo facto, os autores tiveram liberdade para continuar a escrever segundo a ortografia anterior ao NAOLP, o que todos, sem excepção, fizeram. Bem haja!